



VOZ DA FÁTIMA

Como Maria, portadores da alegria e do amor: Louvai o Senhor, que levanta os fracos

EDITORIAL

Exemplos de vida que apontam caminhos de confiança em Deus

Pe. Carlos Cabecinhas

O mês de fevereiro é, por excelência, o mês dos videntes de Fátima: no dia 20, data da morte de Santa Jacinta, celebramos a festa litúrgica dos dois santos Pastorinhos, canonizados em 2017; mas é também em fevereiro, dia 13, que se assinala o aniversário da morte da Irmã Lúcia. Ora, eles podem guiar-nos na vivência deste ano pastoral, em que prestamos especial atenção à nossa experiência de fragilidade, nestas circunstâncias especialmente difíceis e dramáticas.

Quando esta pandemia nos atingiu, ninguém pensaria que, um ano depois, estaríamos ainda tão fortemente condicionados por ela. Começámos um novo ano com expectativas elevadas: o início da vacinação abria-nos perspectivas de algum otimismo. E, contudo, vemo-nos deslizar para uma situação de um dramatismo não experimentado antes; vemo-nos com uma enorme dificuldade em gerir a nossa vida, em proteger os mais frágeis, em acalantar a esperança. A tudo isto, veio juntar-se a privação de participação nas celebrações, pois foi necessário suspender as celebrações com presença de assembleia. Olhar o exemplo dos santos Pastorinhos pode ajudar-nos a manter a esperança.

Como nós, também eles experimentaram o sofrimento e tomaram consciência da sua fragilidade. Esta experiência esteve ligada, também mas não exclusivamente, a uma pandemia, que acabou por levar à morte quer de S. Francisco Marto, em 1919, quer de Santa Jacinta, no ano seguinte. Além da dor física, provocada pela doença que os atingiu, especialmente Santa Jacinta teve de lidar com a dor da solidão. Porém, o sofrimento e a doença não lhes roubaram a esperança. Nesses momentos mais tenebrosos, foi a promessa daquela Senhora mais brilhante que o sol que os guiou: a promessa de que não os deixaria sozinhos diante do sofrimento; a promessa de que iriam para o Céu; a promessa de que encontrariam no seu Coração Imaculado o refúgio nas horas difíceis. Através de Maria, experimentaram a solicitude e presença de Deus, mesmo no meio do sofrimento e sobretudo nessa situação de sofrimento. Por isso, não desanimaram. A forte experiência de Deus em que tinham sido introduzidos, primeiro pelo Anjo, depois e sobretudo por Nossa Senhora, permitiu-lhes experimentar Deus como Aquele que levanta os frágeis e fortaleceu a sua esperança e confiança.

Chama também a atenção o facto de, mesmo nas situações de sofrimentos, não se fecharam em si mesmo nem esqueceram os outros. A oferta dos sofrimentos a Deus em reparação; a preocupação com os outros com quem vivem, que os procuram ou com quem se cruzam; a oração pelos doentes; a partilha com os mais pobres... tudo isto marcou a vida dos santos Pastorinhos, sobretudo de Santa Jacinta. E se os seus exemplos nos apontam caminhos de confiança em Deus, “que levanta os fracos” – tema do ano pastoral, no Santuário –, também nos exortam a não nos fecharmos em nós próprios.

Os santos, são não apenas exemplo, mas também nossos intercessores junto de Deus. Peçamos a Deus o fim da pandemia que nos atinge, invocando a intercessão dos santos pastorinhos de Fátima.

Segundo confinamento geral em Portugal volta a afastar peregrinos da Cova da Iria



Celebrações sem fiéis e intensificação das transmissões on-line determinam novo quotidiano no Santuário de Fátima.

Carmo Rodeia

O ano de 2020 foi o mais atípico que o Santuário já viveu na sua história, com a celebração da Peregrinação Internacional Aniversária de maio sem peregrinos – e todas as restantes com muitas limitações –, mas o agravamento do estado da pandemia em Portugal, no início do novo ano, com um novo confinamento geral no país, por tempo indeterminado, lança novos desafios à Instituição.

Considerada o “Altar do Mundo”, numa expressão feliz do Papa São Paulo VI, Fátima chega diariamente a casa dos peregrinos, em todo o planeta, através das redes sociais e reinventa-se para promover momentos de aprofundamento e de partilha espiritual, a partir da narrativa das aparições e da Mensagem de que é fiel depositária.

Desde o passado dia 23 de janeiro que o novo confinamento obrigou à suspensão de celebrações com a participação de fiéis, por determinação da Conferência Episcopal Portuguesa, bem como de todas as atividades pastorais que exijam presença física.

Por isso, o Santuário retomou a transmissão on-line de cinco celebrações diárias, de segunda a domingo, através dos meios de comunicação social e digital.

Numa mensagem em vídeo,

dirigida a todos os fiéis, o reitor, padre Carlos Cabecinhas, lamentou o regresso desta situação de confinamento, que considera “dolorosa, mas necessária” e prometeu que Fátima se fará sempre presente na vida de cada um: “Sabemos que não é o mesmo podermos estar presentes fisicamente ou podermos acompanhar pela televisão, mas essa é a forma possível que temos agora de participar e, por isso, queremos estar presentes convosco a atravessar este momento difícil”.

E prosseguiu: “É preciso reforçar a nossa esperança. Vivemos momentos dramáticos, mas também sabemos que não os vivemos sozinhos. Deus nunca nos abandona. Sabemos, também, que podemos contar com a proteção materna de Maria” sublinhou o sacerdote, enquadrando este momento que se vive com o próprio acontecimento de Fátima e aquela que foi a história dos santos Francisco e Jacinta Marto, ambos vítimas de uma pandemia. Aliás, a dor e o sofrimento provocados em tantas pessoas, vítimas diretas ou indiretas desta doença que avassala o mundo, encontra refúgio e consolação debaixo deste manto de luz com que Nossa Senhora se oferece em Fátima, hoje como há mais de cem anos quando se fez

presente na vida dos pastorinhos.

A oração, a conversão dos corações e a confiança no amor de Deus são apelos permanentes em todas as celebrações que o Santuário transmite e durante as quais confia a Nossa Senhora as dores da humanidade.

O pedido de intercessão de Nossa Senhora para o fim da pandemia está, de resto, sempre presente no início da celebração, havendo uma prece por esta intenção na Oração dos Fiéis, e, no final, todas as celebrações terminam com o cântico mariano “À vossa proteção nos acolhemos”.

À semelhança do anterior confinamento, e enquanto vigorarem as medidas previstas no Estado de Emergência, todos os espaços de acolhimento de peregrinos – informações, espaços museológicos e comerciais – estarão encerrados.

Desde o dia 23 de janeiro até serem retomadas as missas com assembleia, o Santuário transmite em direto, a partir da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, diariamente as missas das 11h00, 12h30 e 15h00 e o terço das 18h30 e 21h30, em www.fatima.pt, no Youtube e no Facebook. A Missa das 11h00 e o terço das 18h30 serão transmitidos em direto pela TV Canção Nova.

O Coração Imaculado de Maria abre-se

As redes digitais, com transmissões diárias da Cova da Iria, tornam o Santuário do tamanho do mundo. Em casa, nunca estivemos tão próximos.

Carmo Rodeia

O processo de confinamento público sem precedentes, inaugurado em março de 2020, volta a ser uma realidade presente na vida dos portugueses e do mundo inteiro condicionando a mobilidade e a vida de toda a humanidade. Não é de estranhar, pois, que a tão desejada retoma da normalidade seja hoje o bem mais desejado por todos.

No ano passado, o Santuário assinalou o centenário da morte de Santa Jacinta Marto, vítima da gripe espanhola, que assolou a humanidade no início do século passado, imediatamente após as aparições na Cova da Iria, em 1917. Mas devido às consequências abruptas do surgimento da pandemia de COVID-19 foi obrigado a suspender ou cancelar a maioria dos eventos previstos numa agenda que anunciava a espiritualidade e a luz de Fátima como “uma mão de Deus estendida na História”.

É neste mesmo registo que, no ano de 2021, Fátima “louvará o Senhor, que levanta os fracos”, insistindo na mensagem de que, apesar da doença e do sofrimento serem realidades presentes na vida, há sempre a certeza da misericórdia de Deus e do consolo de Nossa Senhora para as aliviar.

Os dinamismos pastorais para este ano pressupõem um diálogo e adequação permanentes entre as exigências sanitárias, para proteger a saúde, e a satisfação do conforto espiritual.

Longe ainda das multidões que habitualmente marcam presença na esplanada do Santuário de Fátima, sobretudo entre maio e outubro, nas grandes Peregrinações Internacionais Aniversárias, pontuadas nomeadamente pelos numerosos grupos estrangeiros, antecipam-se vários eventos, uns on-line outros presenciais, que confirmarão, uma vez mais, a atividade do Santuário naquela que é a sua missão principal: o estudo aprofundado e a difusão da mensagem de Fátima. É o caso dos Encontros da Basílica, do Simpósio Teológico-Pastoral, passando pelo Curso de Verão e os Retiros, promovidos no âmbito das atividades da Escola do Santuário,



Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima acolhe cinco celebrações diárias: três missas e dois Terços.

sem esquecer a oferta cultural permanente em Fátima, sejam os concertos, tirando partido das potencialidades melódicas do grande órgão da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, seja a Exposição Temporária “Os rostos de Fátima: fisionomias de uma paisagem espiritual”. Haverá toda uma série de eventos que ajudarão os peregrinos a fa-

Retiro espiritual em ambiente digital

“Da gruta ao Céu – habitar o coração e abri-lo ao outro” é o título deste encontro espiritual, feito inteiramente em ambiente digital que desafia os peregrinos, a partir das suas casas, a fazerem uma paragem no seu quotidiano para se abrirem

frontarmo-nos com o santuário interior da nossa consciência, fora do qual vivemos demasiadas vezes” refere Sandra Bartolomeu, religiosa da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima, que vai orientar este momento de aprofundamento espiritual.

Dado o contexto de confinamento imposto pela pandemia, o primeiro retiro do ano programado pelo Departamento de Acolhimento e Pastoral, de 29 a 31 de janeiro – Retiro da Luz do Tempo Comum –, foi cancelado. Ainda assim, e tendo em conta as consequências que o isolamento tão prolongado acarreta na vida de um cristão, o Santuário decidiu promover esta proposta alternativa que “pode ser uma oportunidade para, na lentidão e no silêncio dos dias, nos abirmos à escuta profunda da voz de Deus que quer habitar-nos e conduzir-nos à sua vida plena”, ajudando à tomada de consciência “da fragilidade e da indigência” de cada um, permitindo, por outro lado, vencer “medos e dúvidas”.

Dia dos Santos Pastorinhos

No dia 20, celebra-se o Dia dos Santos Pastorinhos e, por isso, o Santuário está a preparar um documentário sobre a vida destas duas crianças e as razões da sua santidade, que podem ser uma escola para os dias de hoje. O documentário, que será difundido



Primeiro retiro on-line do Santuário chega a todos os continentes.

zerem a experiência deste lugar e a aprofundarem a mensagem e a espiritualidade que emana da Cova da Iria. A começar já, hoje e amanhã, com o primeiro retiro on-line promovido no Santuário.

“à escuta profunda da voz de Deus”. “O confinamento imposto pela pandemia força-nos a (re)aprender a) estar em casa, na habitação física que nos serve de lar, mas sobretudo a con-



nos canais digitais do Santuário, será uma forma de celebrar esta data e de promover a comunhão do Santuário com toda a Igreja, sublinhando o carisma dos dois primeiros santos de Fátima, cujo “testemunho de vida é o melhor

a partir de Fátima ao mundo inteiro

comentário vivo do Evangelho”, como lembrava no ano passado o cardeal D. António Marto.

No dia 4 de abril começa o horário de verão no Santuário de Fátima, em domingo de Páscoa. Com as grandes celebrações a chegar, a expectativa é a de que se possa cumprir esse desejo expresso pelo bispo da diocese de Leiria-Fátima no final da peregrinação “mais difícil e interpeladora deste Santuário”, em maio de 2020: “Pela primeira vez na História, desde 1917, neste grande dia 13 de maio, o teu povo amado, Senhora nossa, vindo dos mais diversos ângulos do mundo não pode estar aqui, em multidão, impedido pelos riscos da saúde pública. De repente, algo que nem sequer podíamos imaginar confinamos nas nossas casas e privamos dos momentos mais desejados e afetuosos da vida, como este que vivemos cada ano junto ti, ó terna mãe [...] Mãe querida, queremos agradecer-te esta peregrinação interior, a luz, a esperança, a consolação e a paz de Cristo que levas às nossas

casas. Hoje fazes tu o caminho da ida; o caminho da volta fá-lo-emos nós quando superarmos esta ameaça que no-lo impede. Voltaremos: é a nossa confiança e o nosso compromisso. Voltaremos... sim, voltaremos! É a nossa confiança e o nosso compromisso, hoje. Voltaremos, juntos aqui, em ação de graças, para te cantar: ‘aqui vimos, mãe querida, consagrar-te o nosso amor!’.”

A peregrinação das Crianças, a 10 de junho; o Simpósio Teológico-Pastoral, de 18 a 20 de junho, e a VI Edição do Curso de Verão, a 7 de julho, constituem momentos importantes na programação anual do Santuário.

A partir da terceira semana de julho, começará o Projeto SETE, voluntariado jovem, e o Projeto Vem para o Meio – Férias para Pais de Crianças e Jovens Deficientes, ambos a prolongarem-se até ao final de agosto.

Em outubro, encerra-se o ciclo das Peregrinações Aniversárias, quando se evocar a sexta aparição.



Memórias de um ano que passa os números de 2020

Do confinamento, que já vai no segundo ano, há números que ficam para a história do Santuário e refletem bem a realidade que o mundo viveu e de que Fátima não foi exceção.

1.403.197
peregrinos

4.384
celebrações

536
peregrinações organizadas

224.493
visitas aos espaços museológicos

83.157
visitas à exposição temporária

1,5 milhão
seguidores nas redes sociais



A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
Isento de registo na E.R.C. ao abrigo do decreto regulamentar 8/99 de 09 de junho – alínea a) do n.º 1 do Artigo 12.º

Redação e Administração

Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 – Fax 249 539 605
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: comunicacao@fatima.pt
www.fatima.pt

Composição e Impressão

Empresa do Diário do Minho, Lda.
Rua de Santa Margarida, 4A | 4710-306 Braga

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL

*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima (Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF

#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

Eugénio da Fonseca

Entrevista disponível em www.fatima.pt/podcast

“A História encontra-se numa encruzilhada e nós somos convocados a refletir sobre a necessidade de uma mudança de rumo”

“A Igreja é convidada a falar da amizade social que nos incita a um comportamento: sermos vizinhos uns dos outros.”



“Fátima tem de ser a expressão de uma solidária salvação”

Rosto do voluntariado e da Cáritas ao longo de mais de 20 anos, Eugénio da Fonseca é o convidado do podcast #fatimanoseculoXXI de fevereiro. Professor, licenciado em Ciências Religiosas pela Universidade Católica Portuguesa, tem dedicado a vida ao cuidado do outro. No podcast fala da matriz identitária de Fátima, da pastoral que emana deste lugar e dos desafios que esta pandemia coloca ao Santuário e a toda a Igreja.

Carmo Rodeia

O Santuário “cuida da salvação espiritual” da pessoa, mas também cuida da salvação da pessoa “como um todo”, porque a mensagem de que se faz anunciador aponta para uma “solidariedade salvífica”. A apropriação da expressão pedida de empréstimo por Eugénio da Fonseca ao bispo auxiliar de Braga, D. Nuno Almeida, que a proferiu numa Peregrinação Internacional Aniversária, é intencional. “Desse grande altar do mundo têm emanado grandes apelos para que na pastoral das comunidades, aonde regressam os peregrinos depois de estarem em Fátima, possam ser desenvolvidos gestos concretos”, explica o ex-presidente da Cáritas. “Esta é uma expressão identitária de Fátima: Fátima tem de ser a expressão de uma solidária salvação” sendo que, “quando se fala em salvação, a perspetiva é de que seja do homem todo e de todos os homens”, nos planos “espiritual e material”, esclarece.

“Sou testemunha, enquanto presidente da Cáritas, das ajudas e das causas que o Santuário abraçou como suas, seja dentro seja fora do país. E, por nós, imagino o que é a ação de bem fazer do Santuário”, acrescenta sublinhando as diferentes dimensões da pastoral da Instituição, seja litúrgica, catequética ou social. “O que me parece é que essa ação, assim como a luz que se mete em cima dos telhados para que se glorifiquem as obras e se louve a Deus, também através de Maria, deveria ser mais explicitada, porque sei que são muitas e variadas as ações concretas que o Santuário desenvolve e que não são do conhecimento público”, refere ainda.

Por isso, elege como desafio para o segundo século de Fátima uma “nova dinâmica da pastoral social” e uma afirmação do Santuário a partir de três linhas de ação: o acolhimento, que deve ser cuidado desde “o pequeno gesto de quem serve ao atendimento dentro do quando sacramental”, nomeadamente na

celebração do sacramento da Reconciliação, na reposição do “sentido da peregrinação”, despertando o desejo do caminho e o estímulo ao “diálogo inter-religioso”.

“Neste tempo de pandemia, o Santuário propôs uma peregrinação espiritual, mas o ser humano precisa de se pôr a caminho. Logo que termine a pandemia há que retomar ações para levar os peregrinos a Fátima, ações que nos possam fazer refletir sobre o sentido da vida e da nossa existência”, adianta sublinhando uma dimensão específica: “O Santuário de Fátima tem tido esta capacidade de ser um lugar de encontro de várias religiões. A seguir a esta pandemia estou certo de que a necessidade deste diálogo vai ser ainda mais premente. Creio que as religiões vão ter um papel fundamental na nova ordem mundial, no diálogo entre países e nações”, constata Eugénio da Fonseca ao reservar “um papel-chave” do Santuário.

Por outro lado, acrescenta, “é fundamental criar uma dinâmica de pastoral social”, despertando uma “consciência de comunidade no sentido mais alargado”.

“O Santuário tem um grande desafio pela frente: ser esperança no tempo presente e ter a capacidade, através da narrativa que brota dos diferentes altares de Fátima, de afirmar a presença de um Deus que nos ama e que nos há de salvar, a cada um de nós e a nós todos”, refere destacando esta “profecia” de Fátima, que é “sempre atual”.

Eugénio da Fonseca fala dos protagonistas de Fátima – os Santos Pastores – e da sua “simplicidade que nos faz parecer mesmo irmãos, de facto”, do “cuidado e da disponibilidade com que partilhavam o pouco que tinham” e da forma como rezavam. “A oração é uma das maiores formas de partilha, e eles tiveram essa graça do dom do Céu, aonde iam buscar a sua força”, refere exemplificando com o tempo em que estiveram detidos e convocaram os que, como eles, estavam privados de liberdade para rezarem e converterem os seus corações.

“A perfeição total está-nos garantida na bem-aventurança eterna, mas temos sempre esta possibilidade de conversão e, sobretudo, de acreditar que o ser humano tem potencial para se redimir, e que essa redenção

é-nos dada pela graça de Deus através de cada um de nós” adianta, frisando que “não é uma inevitabilidade do mundo viver em plena desgraça, em caminhos que põem obstáculos à salvação de muitos ; o que importa é que cada um de nós, com a nossa palavra e exemplo, seja capaz de ser redentor, à imagem de Cristo. Isto faz-se amando e amando o próximo como os Pastores amavam”.

“A História encontra-se numa encruzilhada e nós somos convocados a refletir sobre a necessidade de uma mudança de rumo. O que eu vejo nesta pandemia muitas vezes é uma clara tensão entre o campo político e o da ciência e, francamente, acho que agora estamos no tempo da ciência. É tempo de deixar a ciência falar e não tirar dividendos políticos. E deixe-me dizer-lhe aqui que a Igreja tem tido uma atitude muito correta não enveredando por um campo muito providencialista, mas indo ao encontro das necessidades reais das pessoas”, fazendo-se próxima ao jeito do bom samaritano, que a nova Encíclica do Papa Francisco, Fratelli Tutti, avança. “Esta carta reforçou em mim a esperança de uma mudança social que o Papa pede”, refere, ainda, enaltecendo o conceito de “amizade social” que o Santo Padre evoca. “A amizade social é um termo mais rico do que a cidadania, pois esta amizade é uma etapa de um processo amoroso que todos temos dentro de nós e que somos chamados a desenvolver em ordem a prepararmos esse encontro com Deus”.

“A Igreja é convidada a falar da amizade social que nos incita a um comportamento: sermos vizinhos uns dos outros”, acrescenta. “O individualismo para o qual fomos levados por um sistema económico que valoriza o ter, com menosprezo do ser, pode ser combatido por esta proximidade, por esta vizinhança”, diz.

“O povo diz na sua sabedoria popular que ninguém deve pregar a estômagos vazios. O pobre não é pobre porque quer; precisamos de parar de dizer que a pobreza é uma fatalidade” adianta. “Muitas vezes estigmatizamos o pobre quando deveríamos estigmatizar a pobreza. Amar o pobre para que ele compreenda que somos irmãos, porque somos filhos do mesmo Pai, não é uma tarefa fácil, mas tem de ser uma prioridade da Igreja” refere.

PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Os doentes



Fátima é, desde a sua génese, um dos lugares privilegiados do cuidado da fragilidade, numa valorização constante da pessoa doente.

Diogo Carvalho Alves

“Aqui em Fátima, Nossa Senhora foi, desde início, a intercessora a quem os doentes recorreram. Já nas aparições, Lúcia pede por alguns doentes e, a partir daí, foi sempre crescendo o número de pedidos de intercessão e o número de doentes que se deslocavam a Fátima, para pedir a ajuda materna de Nossa Senhora na situação de sofrimento em que se encontravam, para pedir a força necessária para enfrentar as situações de fragilidade em que se viam mergulhados”, lembrava o reitor do Santuário de Fátima, padre Carlos Cabecinhas, na celebração do Dia Mundial do Doente de 2020, ano que viria a ficar marcado pelo início de uma pandemia que tornou mais premente a fragilidade da doença.

No Santuário de Fátima, a pastoral dedicada aos que so-

frem com a doença é concretizada, além dos seus espaços de acolhimento, através de retiros de doentes e na oferta de férias para crianças e jovens portadores de deficiência. No ano de 2018, o Santuário de Fátima, consciente de ser lugar de assembleia onde a fragilidade humana ganha expressão de esperança, passou a promover uma peregrinação de pessoas com doenças raras, numa iniciativa que, desde então, tem crescido em número de participantes.

A atenção, valorização e o cuidado da pessoa doente tem sido um objetivo assumido em Fátima através destas diferentes dinâmicas de acolhimento e, com especial notoriedade, nas celebrações das grandes peregrinações, onde é dado ao doente um lugar de relevo (ver rubrica abaixo) e uma palavra

de conforto, no final de cada celebração. A de 13 de maio de 2017 teve um locutor especial, o Papa Francisco, que, na palavra de incentivo que dirigiu aos que considerou serem “um tesouro precioso da Igreja”, caracterizou também aquele que pode ser o olhar que o Santuário assume sob os doentes, que são verdadeiros protagonistas de Fátima.

“Não vos considereis apenas recetores de solidariedade caritativa, mas senti-vos inseridos a pleno título na vida e missão da Igreja, a vossa presença silenciosa, mas mais eloquente do que muitas palavras, a vossa oração, a oferta diária dos vossos sofrimentos em união com os de Jesus crucificado pela salvação do mundo, a aceitação paciente e até feliz da vossa condição são um recurso espiritual, um património para cada comunidade cristã.”

A PEÇA DO MÊS

MSF, inv. n.º 5674-OUR.II.1779
MGP ou GPM (ourives não identificado), C. de Rigo (pintura de esmalte), 1959 | Prata, prata dourada e ouro com aplicação de gemas e esmalte | 85 × 44 × 29,6 cm; 6785,4 g

Custódia oferecida pelos católicos italianos

No dia 25 de abril de 1959, a primeira imagem da Virgem Peregrina partia do Santuário de Fátima com destino a Itália, onde se deteve cerca de cinco meses, em visita pelas dioceses daquele país. Atraindo a si inúmeras manifestações de devoção dos fiéis, por vezes traduzidas na dádiva de objetos preciosos, algumas vieram a dar corpo a uma custódia de prata e ouro, oferecida à Virgem de Fátima pela Comissão Nacional Mariana para a Consagração da Itália ao Imaculado Coração de Maria, em representação dos católicos italianos.



A custódia constitui uma peça de elevado valor simbólico, mostrando a base preenchida por figurações em esmalte polícromo de episódios da vida da Virgem Maria e dos franciscanos São Francisco de Assis e Santo António. As representações mostram-se secundadas pelas esculturas daqueles santos, a que se junta a da Virgem de Lourdes, em relevo cinzelado, sobrepujadas por símbolos eucarísticos, traduzidos nos cachos e parras, corporizados no nó, e nas espigas de trigo. O imponente hostiário expande-se a partir do viril, sustentado por dois anjos de vulto e, no entorno do recetáculo, uma coroa de espinhos recorda o sacrifício do Filho de Deus pela salvação do género humano. Na envolvente, a moldura vazada de estrelas revela uma simbólica alusão à Virgem Maria. O conjunto completa-se no resplendor de padronizada distribuição e ondulado concêntrico, num movimento de sugestiva evocação do astro-rei. Na base, encontra-se inscrita a memória da peregrinação que originou a peça: ITALIA . MATRI . ET . REGINA . PER GRATA . 25 APR. – 20 SEPT. – 1959.

A custódia integra a exposição permanente do Museu do Santuário de Fátima, tendo sido utilizada na Peregrinação de 13 de maio de 1982, quando usada pelo Papa João Paulo II para a Bênção dos Doentes.

Museu do Santuário de Fátima

FÁTIMA AO PORMENOR

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

Os mais importantes documentos de Fátima, sejam os interrogatórios aos videntes sejam as “Memórias” de Lúcia, integram referências muito atentas à condição dos mais frágeis da sociedade, nomeadamente aos doentes que, atraídos pela mensagem da Cova da Iria, se voltam para a proteção materna da Mãe de Deus.

No Santuário de Fátima, desde a primeira hora se tiveram os doentes como especiais peregrinos aos quais seriam conferidos os maiores cuidados e atribuídos os lugares mais abrigados e junto do altar.

Assim se vê nos escritos do primeiro bispo quando legisla sobre o santuário nascente, sobre os «doentinhos» e sobre os Servitas de Nossa Senhora de Fátima. No Manual do Peregrino, de 1926, lê-se com frequência: «os doentinhos teem lugar especial»; «os doentes, sejam ricos ou pobres, teem sempre o primeiro lugar».

O próprio santuário, no seu espaço físico, cresce para poder dar cuidado aos doentes, desde logo no Posto de Verificações Médicas e nos “hospitais” que viriam a ser englobados pelas Casas de Retiros

O lugar dos doentes em Fátima

*Ver foto que ilustra a rubrica “Protagonistas de Fátima”, acima.

de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora do Carmo, respetivamente (Hospital Velho e Hospital Novo). Com o passar do tempo, foi a Casa de Nossa Senhora das Dores que se especializou na receção dos doentes que se dirigem ao Santuário para realizar os seus retiros, ali funcionando também o Posto de Socorros que se encontra ao serviço dos peregrinos de Fátima e até da comunidade civil da Cova da Iria.

Nas grandes celebrações, os doentes, que participam na celebração na Colunata do lado norte, são, claramente, parte

integrante da Liturgia de Fátima. A bênção dos doentes tem, inclusive, uma estruturação muito desenvolvida que decorre depois de concluídos os ritos da Comunhão. Aí se ouvem, há cerca de 100 anos, as invocações a Cristo como aquele que cura, algumas delas vindas de Lourdes. Também o canto final das celebrações, quando os fiéis acenam com os seus lenços brancos, lembra a Virgem de Fátima como Saúde dos Enfermos, ao proclamar a sua relação com a «saúde e a paz» que, em Fátima, são do «enfermo e aflito».



OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Nunca fui fã dos filmes do faroeste. Sempre os achei demasiado previsíveis: há o bom, há o vilão e, depois de uma série de desventuras e volte-faces, o bom lá acaba por salvar a história no último minuto, derrotando o mau. Mas acima de tudo, sempre desconfiei desta tentação tão nossa de pintarmos o humano de preto ou de branco, de os meter na caixa dos bons ou na caixa dos maus, e de expiarmos o nosso sofrimento ou até mesmo a nossa culpa lançando pedras ao grupo dos maus.

Bem sei que este é hoje o enredo padrão de tantas histórias de cinema. Mais preocupante do que isso é que se torne o enredo corrente de muito do nosso discurso político. Porque as palavras não são simples slogans atirados como bandeiras de propaganda para conquistar votos.

A caixa dos bons e a caixa dos maus

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

“Sempre desconfiei desta tentação tão nossa de pintarmos o humano de preto ou de branco, de os meter na caixa dos bons ou na caixa dos maus, e de expiarmos o nosso sofrimento ou até mesmo a nossa culpa lançando pedras ao grupo dos maus.”

As palavras significam coisas e fazem coisas. Quando se aponta o dedo a grupos específicos com a acusação de serem a causa de todos os males, quando se pretende justificar a nossa fragilidade económica, cultural e social ostracizando ainda mais as franjas mais frágeis da sociedade, quando o orgulho dum povo se diz com pedras a imigrantes e refugiados, sabemos que vivemos um filme do faroeste de má qualidade. Sabemos também que as palavras não passarão sem deixar feridos.

É irónica a nossa falta de memória coletiva. Se ainda nos lembrássemos do que se passou, por exemplo, nos anos que precederam o genocídio no Ruanda, em 1994! Durante meses a fio, anos até, os perpetradores colocaram na caixa dos maus todos os que pertenciam à etnia Tutsi, simplesmente porque pertenciam à etnia Tutsi. Chamavam-lhes inyenzi, «baratas». Mais do

que uma linguagem codificada, a alcunha tinha o efeito perverso de gerar na comunidade uma imagem das vítimas como seres não-humanos. Um processo semelhante se deu na Alemanha Nazi: os deficientes, os homossexuais, os Judeus e outros grupos minoritários foram todos sucessivamente identificados pela sua caracterização específica e colocados na caixa dos maus, pretendendo-se, de alguma forma, formular a ideia coletiva de que a sua especificidade seria uma demonstração de uma espécie de desumanidade e que era desses não-humanos a culpa de todos os seus males. Depois, foi só fechar essa caixa da desumanidade, colocá-la à entrada da cidade e destruí-la aos olhos de todos, sem que ninguém já se importasse. Afinal, nem eram bem humanos!

Mais irónico ainda – trágico mesmo! – é que este ressurgir do discurso do ódio no âmbito po-

lítico se dê também, hoje como ontem, em meios cristãos. Resuscitamos rituais do bode expiatório, sacrificando a um deus desconhecido grupos inteiros de irmãs e irmãos, para, num laivo



Fotografias das vítimas do genocídio no Ruanda, no Memorial a eles dedicado, na capital, Kigali. FOTO: © Adam Jones

de puritanismo, nos congratularmos com a nossa retidão. E embainhamos bandeiras com gordos dizeres de gente de bem que é gente de fé – Jesus saves – enquanto procuramos a vítima do nosso sacrifício. E dizemo-nos enviados por Deus a salvar a nação, enquanto ostracizamos meio povo e aqueles que nele se abrigaram.

Jesus não é herói do faroeste. Quando ele passa na banca do vilão, entronado no seu posto de cobrança dos impostos, Jesus não lhe oferece desdém, mas a amizade que há de vir a tornar-se convite interior à conversão. Se ainda acreditássemos na amizade que o evangelho promove, talvez compreendéssemos que ninguém vive na caixa dos bons ou na caixa dos maus. A vida não é tudo preto ou tudo branco. Somos bem mais zebra do que pensamos. Só a amizade tem a força de salvar a história no último minuto.



OPINIÃO

Maria João Ataíde

É neste mês de Fevereiro, exactamente no dia 12, que faria 98 anos a minha catequista. Que privilégio o meu, ter podido conviver com ela desde os 5 anos !!! Pois embora saibamos que a primeira e principal responsabilidade na formação das crianças e jovens, sobretudo no aspecto espiritual e religioso, pertence à família, a verdade é que ao longo de 73 anos esta senhora me transmitiu valores que marcaram para sempre a minha vida, a saber:

Sempre que vires algo Belo, agradece a Deus...

Sempre que fizeres uma boa acção, toda a humanidade se torna melhor...

...e quando, aos 10 anos, recebi o Santo Crisma preparado

Vamos juntos

“Em tempos de pandemia, ter um sentido para a vida (...) é fundamental.”

Pedagoga

A autora escreve segundo a antiga ortografia

por ela, deu-me um exemplar do Novo Testamento que muito releio e no qual ela transcreveu, do Evangelho de S. João 14, 25-26:

“O Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” explicando-me que encontraria n’Ele a força e o discernimento nos momentos difíceis sempre que O invocasse. Pela vida fora, perante situações em que não sabia o que dizer ou fazer, comprovei esta promessa de Jesus.

Também o Cardeal Tolentino, no seu discurso de 31 de Dezembro de 2020, a que chamou O Ano que virá em que confia a Deus este ano de 2021, invoca o Espírito Santo “para quem o quer ouvir, o vento do teu espírito passa como um assobio primaveril anunciando o degelo ...”

Além da minha catequista, vieram-me à ideia outras duas figuras admiráveis que partiram em 2020, dois pensadores que ti-

nam em comum extraordinária cultura e inteligência mas sobretudo uma enorme simplicidade:

Eduardo Lourenço, que ao receber em Abril o prémio “Árvore da Vida”, respondeu na rádio à pergunta, porque nunca fizera o Doutoramento “Olhe, esqueci-me.”

E Gonçalo Ribeiro Telles, precursor na arquitectura paisagística e defesa do ambiente, quando questionado porque nunca escolhera viver e trabalhar fora de Portugal onde seria mais reconhecido, respondeu “Olhe, gosto disto.”

Pois a minha catequista, quando há um ano adoeceu e teve que ser hospitalizada e, depois isolada, recebeu de Deus a graça de partir no dia 1 de Janeiro, na festividade de Santa Maria Mãe de Deus e dia Mundial da Paz... Como diz a jornalista Laurinda Alves, numa crónica antiga (Revista XIS, 31 de Janeiro 2004) intitulada “Viver e morrer no hospital” mas que é actualíssima:

“Cada vez mais as pessoas morrem no hospital, longe de casa e dos amigos. Por vezes até longe da sua própria família. E é porque cada vez mais se morre no hospital que cabe reflectir sobre o sentido da vida e sobre a dimensão espiritual dos doentes.”

Em tempos de pandemia e de quebra na economia global e nacional, ter um sentido para a vida que transcenda as catástrofes e, pior, as notícias catastrofistas que todos os dias chovem nos telejornais e nas rádios, é fundamental. Para nos ajudar, o Papa Francisco deu-nos em 2021 “um intercessor, um amparo e um guia...” na figura de São José “o homem da presença quotidiana discreta e escondida” e estou a citar as palavras de Francisco ao proclamar este ano dedicado a São José.

São José também é patrono dos operários e trabalhadores em geral. Neste ano que lhe é dedicado, possa ele interceder pelos tantos que ficaram desem-

pregados ou que viram os seus empreendimentos fechar portas... questiona o Papa “Como poderemos falar da dignidade humana sem nos empenharmos porque todos, e cada um, tenham a possibilidade de um digno sustento?”

E Francisco recomenda-nos uma oração a este Santo, publicada no sec. XIX pela Congregação das Religiosas de Jesus e Maria:

“Glorioso Patriarca São José, cujo poder consegue tornar possíveis as coisas impossíveis, vinde em minha ajuda nestes momentos de angústia e dificuldade. Tomai sob a vossa protecção as situações tão graves e difíceis que vos confio, para que obtenham uma solução feliz. Meu amado Pai, toda a minha confiança está colocada em Vós. Que não se diga que eu vos invoquei em vão, e dado que tudo podeis junto de Jesus e Maria, mostrai-me que a vossa bondade é tão grande como o vosso poder. Amen”.

Capelas da Reconciliação adaptam-se para responder aos desafios da conjuntura que o mundo enfrenta

“Somos acolhidos de uma forma terna, como que Deus a mostrar que nos perdoa sempre”

Cátia Filipe

Em 2020, as Capelas da Reconciliação acolheram 56 702 peregrinos, um número muito inferior ao registado em 2019 (139 489), consequência da pandemia por COVID-19, que impediu os peregrinos de se deslocarem até à Cova da Iria.

Apesar dos números menos expressivos, este é um dos serviços mais procurados no Santuário que assim vai cumprindo aquilo que o Papa Francisco aqui pediu aos sacerdotes: que fossem, sempre, ministros da misericórdia de Deus.

O Santuário de Fátima dispõe de confessores em língua alemã, croata, espanhola, francesa, holandesa, inglesa, italiana, polaca, portuguesa e ucraniana, mas quem mais procura este espaço são os peregrinos de língua portuguesa (51 648), logo seguidos dos de língua espanhola (2 279).

São sobretudo as mulheres (37 667) em idade adulta (44 536), as que maioritariamente se aproximam do espaço do sacramento da Reconciliação. O ano de 2020, devido às restrições e constrangimentos causados pela COVID-19, foi muito diferente no que toca ao fluxo de peregrinos, mas em agosto, os números voltaram a subir tendo-se registado 1061 confissões, uma situação muito diferente da registada em abril, o mês com menos procura deste serviço no Santuário, apenas com 30 peregrinos.

Durante o confinamento, de março a maio de 2020, altura em que todas as celebrações decorreram sem a participação de fiéis, as Capelas da Reconciliação e a da Adoração foram os únicos espaços do Santuário a manter-se abertos à presença de peregrinos.

“Dadas as condições que temos nas respetivas capelas, acautelaram-se os procedimentos nos espaços, de modo a poderem observar-se as normas da Direção Geral de Saúde, tais como o distanciamento social, o uso de máscara, a higienização das mãos e dos espaços”, explica o padre Joaquim Ganhão, responsável pelo Departamento de Liturgia, em declarações à Voz da Fátima. Os confessionários foram adaptados para garantir a segurança dos penitentes e dos confessores, com a instalação de acrílicos e com a implementação de procedimentos para arejamento dos espaços.

“Na gestão dos recursos, os

sacerdotes de mais idade foram dispensados deste serviço, para sua segurança e dos peregrinos, e foram dadas indicações para o uso de máscara por parte dos sacerdotes e penitentes também durante a celebração do sacramento”, assegura o responsável. Dada a menor afluência de peregrinos foi também reduzido o número de confessores. “Estas medidas foram revistas nos meses de verão e no período do Advento em que o número de penitentes aumentou significativamente”.

As confissões no Santuário de Fátima “estão ao serviço de todos os peregrinos, e chegam penitentes de todo o país e do estrangeiro, de todos os estratos sociais, idades e sensibilidades eclesiais”, esclarece o padre Joaquim Ganhão.

“Há muitas pessoas que se deslocam ao Santuário, propositadamente para a celebração deste Sacramento”, disse ainda. É o caso de Mariana Silva que, com alguma frequência, vem a

Fátima para celebrar o sacramento da Reconciliação: “Faço isso desde adolescente, altura em que comecei por vir com a minha avó e com o grupo de jovens em que estava inserida, e mais tarde, já adulta, continuei a vir por uma questão de comodidade” explica esta peregrina oriunda de Leiria: “em primeiro, por uma questão prática, porque o horário é bastante alargado e é possível conciliar, e depois pelo silêncio e ambiente de oração vivido. É possível depois da confissão ir à Capela do Santíssimo Sacramento ou participar numa celebração ou mesmo caminhar um bocadinho pelo Recinto e ir saudar Nossa Senhora. É um caminhar na fé em vários degraus, e aqui é possível de uma forma prática percorrer todos”, afirma Mariana Silva que, há vários anos, faz serviço numa farmácia. “O que mais levamos daqui é a paz do perdão, porque em primeiro somos acolhidos de uma forma terna, como que Deus, a mostrar que nos perdoa sempre.

Depois temos um sacerdote ali para nos ajudar, ouvir e, acima de tudo, mostrar que Deus nunca nos esquece, e no fim de tudo temos o colo da mãe”, conclui.

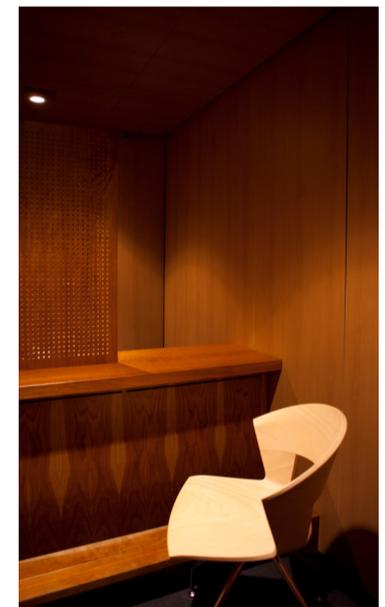
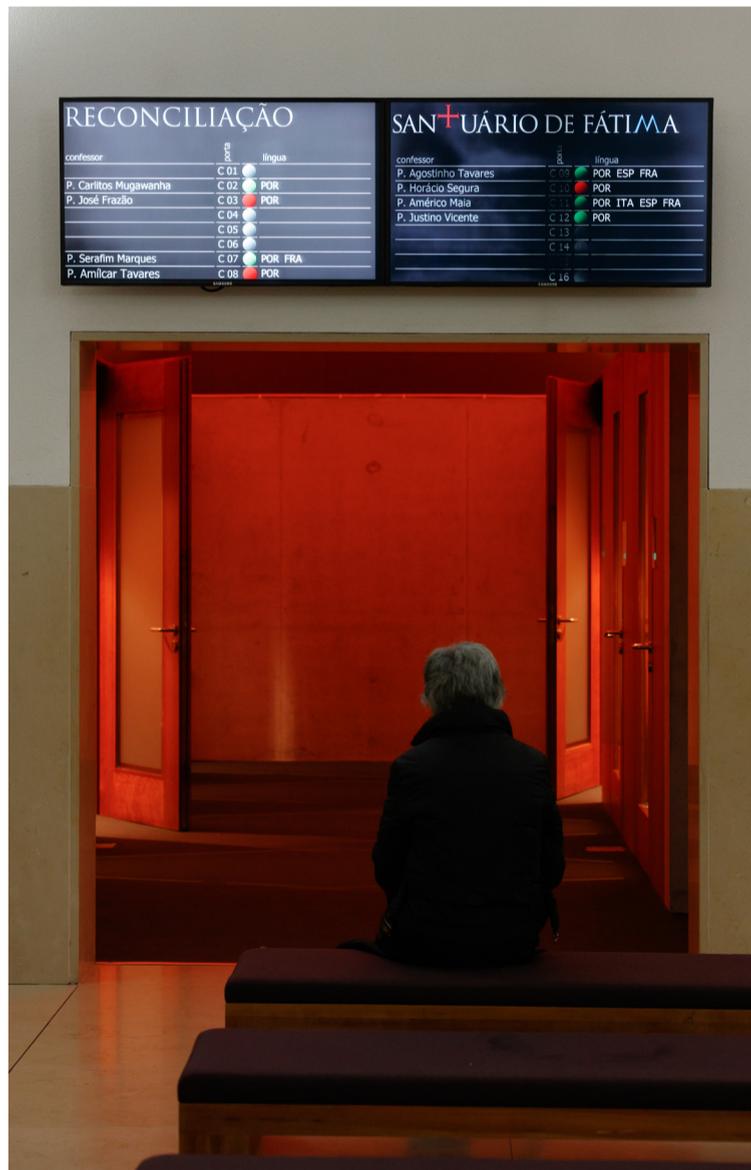
Segundo o padre Joaquim Ganhão, “este serviço é um dos rostos fundamentais do Santuário de Fátima, lugar de acolhimento, de conforto, de alívio e descanso”. “A celebração do Sacramento da Reconciliação é sempre um momento importante, muitas vezes determinante, onde os cristãos vivem este encontro vivo com a misericórdia libertadora de Deus, e as pessoas têm necessidade de se sentirem acolhidas e encontradas por esta misericórdia e pela ternura de Deus que neste sacramento tem um rosto, uma palavra, um gesto... um acontecer”, refere o responsável.

A irmã Laise de Sousa é religiosa da comunidade dos Servos de Maria e do Coração de Jesus e faz acolhimento nas Capelas da Reconciliação há 5 anos, tantos quantos os que vive em Fátima. Originária do Brasil, esta religiosa está ao serviço dos peregrinos diariamente, em “missão neste cantinho da misericórdia de Deus”. “As pessoas vêm ao encontro de Jesus Cristo e encontram-No no sacerdote, para colocar as suas faltas e depois saírem daqui com a graça de Deus, por meio deste sacramento”, explica a religiosa. O serviço passa pelo acolhimento aos peregrinos e posterior condução ao confessionário, conforme o idioma e a disponibilidade. “Há menos pessoas aqui, é tudo mais complicado, há muito mais restrições, porém continuamos a ver que vêm diariamente peregrinos a este lugar e nestes anos há muitas histórias que nos vão marcando, muitas amizades, muitas partilhas”, recorda a irmã Laise de Sousa. Por vezes há até algo curioso: “muitas pessoas que, por vezes, só vêm acompanhar, após uma conversa preliminar, acabam por se confessar e o sentimento acaba por ser de alívio e de paz, e criam-se laços, e há muitas pessoas que começam a sua vida cristã aqui após um período de afastamento”, esclarece ainda esta religiosa brasileira. “Eu reconheço as minhas faltas e o Senhor que não desiste de nós está aqui e é um reencontro”, lembra a religiosa.

“Se todos os tempos são oportunos para a sua celebração,

certamente que nestas horas de maior apreensão, perante uma pandemia difícil de gerir e de entender, onde o medo e a ansiedade tantas vezes habitam o coração, este encontro com Deus, torna-se um lugar de reconciliação e de paz, de desintoxicação da vida e de estímulo para retomar o caminho com confiança e maior serenidade”, diz o padre Joaquim Ganhão, que considera acontecer neste local “um dos apelos mais vivos da mensagem de Fátima: o convite à conversão”.

Deste modo, “este tempo de pandemia não deixa de trazer consigo esta tomada de consciência da nossa vulnerabilidade, da fragilidade humana em todas as suas dimensões, da urgência da cura interior para, na força do Espírito que dá vida, podermos enfrentar todas as dificuldades, fortalecidos pela graça de Cristo”, esclarece. “A palavra final da celebração do sacramento da reconciliação é extraordinariamente significativa: Deus Pai de



No silêncio da reconciliação, milhares procuram conforto e misericórdia.

misericórdia... te conceda, pelo ministério da Igreja, o perdão e a paz. Neste perdão e nesta paz, encontrarão os cristãos a força e o alento para vencerem todas as dificuldades... também a da pandemia que nos atinge”, conclui o responsável pelo Departamento de Liturgia do Santuário de Fátima.

As Capelas de Reconciliação situam-se no piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade e estão abertas, diariamente, das 9h00 às 13h00 e das 14h00 às 18h00.



MOVIMENTO DA MENSAGEM DE FÁTIMA

mmfatima.pt
secretariadonacional@mmfatima.pt
www.facebook.com/mmfatima.pt

Rua Santa Isabel, 360
 Cova da Iria
 2495-424 FÁTIMA
 Telf. 249 539 679

Retiro Movimento da Mensagem de Fátima | Diocese de Setúbal

Pe. Luís Matos Ferreira

A passagem bíblica que meditamos habitualmente no segundo mistério do terço quando contemplamos os mistérios gozosos, a visitação de Nossa Senhora a sua prima Isabel (Lc 1, 39-45), foi o texto bíblico que ajudou os membros do Movimento da Mensagem de Fátima presentes na manhã do dia 12 de dezembro na igreja de São Paulo – Setúbal a viverem o seu retiro de Advento.

A passagem do Evangelho da Visitação como que se entrelaça com as aparições do Anjo e de Nossa Senhora aos três pastores. O texto do Evangelho começa por dizer que «Maria se pôs a caminho e se dirigiu à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia». Depois da Anunciação do Anjo, Maria foi a casa de sua prima Isabel. Também em 1917 Nossa Senhora dirigiu-se a um lugar na Serra d’Aire, a Cova

da Iria, para saudar e dirigir uma mensagem de conversão à humanidade através da Lúcia, da Jacinta e do Francisco. Maria pôs-se a caminho de Fátima para nos comunicar uma mensagem de conversão para nos ajudar a irmos para o Céu.

No encontro de Maria com a sua prima, Isabel sente o espanto diante da pessoa de Maria e de Jesus, mas é João que se manifesta embora sem se ver fisicamente: só a mãe o pressentiu e manifestou-o. Em 1917 os Pastores também sentiram espanto diante da primeira e sucessivas aparições de Maria: uma Senhora mais brilhante que o Sol que se lhes manifestou e os encheu e envolveu numa luz em que se sentiram totalmente submergidos. O espanto desta visão foi tão grande que a pequena Jacinta não conseguiu guardar para si a

beleza desta revelação tendo partilhado o que vira na Cova da Iria com os seus pais.

«Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre». Estas são palavras que Isabel pronuncia e que manifestam um louvor e uma gratidão à Mãe de Deus. Estas mesmas palavras são por nós tantas vezes repetidas na oração do terço; o terço que Nossa Senhora pediu em Fátima para que se rezasse todos os dias. Hoje continuamos a pedir do Céu o dom da paz para o mundo e também a paz aos nossos lares e para cada um de nós. Todos precisamos desta graça.

«E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor?». Isabel sente-se perturbada e consternada com a visita de Jesus no ventre de Maria. Portugal teve a graça de receber a

visita de Nossa Senhora, em 1917. Também nos podemos questionar: quem somos nós para recebermos a visita da Mãe de Deus no nosso país? Somos merecedores? É verdade que somos terras de Santa Maria, mas esta pertença deve levar-nos sempre ao desafio: temos desempenhado, como povo cristão e povo que recebeu a visita do Anjo e de Nossa Senhora em Fátima, a missão do Evangelho? Temos sido “uma Igreja em saída” como nos desafia o Papa Francisco?

«Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio». Esta passagem manifesta uma profunda alegria de João Baptista e de Isabel ao serem visitados. As crianças em Fátima também sentiram muita alegria em receberem as visitas em 1916 e em 1917 do Anjo e de Nossa

Senhora. Devemos perguntar-nos se sentimos alegria da nossa pertença ao Senhor, a Maria e à sua Igreja e também se as nossas comunidades são espaços de encontro, de conversão, de alegria e de paz como manifestam as passagens do Evangelho e da Mensagem de Fátima.

A passagem do Evangelho que relata a Visitação é uma verdadeira catequese do agir na liberdade em Deus: Maria foi visitada e visitou. A mensagem de Fátima manifesta também um “sim” livre dos videntes a Deus, e, nesta liberdade confiante, Nossa Senhora promete que irão para o Céu.

O Coração Imaculado de Maria triunfará no meio de muitos sofrimentos porque se não há sofrimento não há verdadeiro amor nem um verdadeiro “sim” que conduz à visita.

A Senhora da Oração

Pe. Dário Pedrosa

Maria de Nazaré foi a “Virgem dada à oração”. No silêncio interior do seu coração centrava-se em Deus, no amor uno e trino, buscava razões para acreditar e dar sempre mais, fazia silêncio orante e recolhido. S. Lucas, o Evangelista da Virgem Maria, afirma que Ela “ponderava no seu coração, recolhia-se em Deus e com Deus, procurava força para, meditando na Palavra e nos acontecimentos, aceitar a vontade de Deus, entender o inefável, “ver o invisível”, perceber as divinas razões. Era assim que habitualmente a Senhora rezava no íntimo do seu coração. Mas rezou de outros modos, como no dia da Visitação, no Magnificat, numa maravilhosa oração, cântico de louvor. Os pobres e humildes sabem descobrir as maravilhas de Deus e louvar. Foi assim com Nossa Senhora: “Deus fez em Mim maravilhas”. Reconhecendo os dons, as graças, as maravilhas, louva, bendiz, glorifica. É modelo do nosso lausperene. Devemos, como Ela, estar em contínuo louvor. Que não nos falte humildade de coração para “vermos” as graças

e bênçãos de Deus, pois Ele revela-Se aos pequenos e humildes. Descubramos o dom da oração de louvor e lancemo-nos a imitar a Senhora do Magnificat. Que não cesse nunca o nosso louvor.

Aprender com Maria Orante

Não basta rezar a Nossa Senhora. Precisamos de parar, de refletir, de meditar e de contemplar como Ela rezava. Maria é Mestra de Oração, no tempo e nos modos. Na Apresentação que celebramos a 2 de fevereiro, Ela reza oferecendo o Menino ao Pai, modelo da nossa oração de oferta, do que somos e temos, da nossa consagração, da oferta do trabalho, das dores e das alegrias, com o Menino que a Virgem Orante oferece no Templo. Mas a Senhora também reza pedindo, suplicando. Como é encantadora a sua ação, a sua súplica em Caná, alcançando o primeiro milagre, a mudança da água em vinho, aumentando a alegria dos noivos e

da festa, antecipando-se a uma pequena desgraça ou desgosto no meio da boda, fazendo crescer a fé dos apóstolos! Tudo o que é nosso bem Lhe interessa. Ela, a Mãe Orante, pede, intercede, suplica, sugere a Jesus e alcança milagres. Acreditamos nisto? Metemos tudo e todos no seu Coração de Mãe Orante? E a Senhora, a Virgem dada à Oração, foi heroica na sua atitude, de pé, junto à cruz rezando e oferecendo o Filho e oferecendo-Se com Ele. Foi o seu “sim” mais amoroso, mais heroico e mais frutuoso. Foi o sim da “redenção” operada por Jesus, seu Filho, a Vítima do holocausto: rezar sofrendo, sofrer rezando, oferecendo dores e dificuldades com Maria e como Maria, a Mãe das Dores.

Rezar em Igreja

O último dado biográfico e cronológico da Escritura sobre a Senhora deixa-no-La orante em Igreja, em novena de Pentecostes, em oração com a comunidade

primitiva, sendo suporte e ajuda para os apóstolos e os discípulos no Cenáculo. Rezar em Igreja e com a Igreja, rezar pela Igreja, suplicar sem cessar o Espírito é a última grande lição da Senhora. E é desse Espírito que todos precisamos muito. A Mãe pede conosco, reza conosco, ficou a rezar em Igreja... E no Céu, depois da sua Assunção gloriosa, não faz outra coisa senão ser medianeira e rezar por nós e pela Esposa de seu Filho, a Santa Mãe Igreja; rezar pela Humanidade que Lhe foi entregue no Calvário; rezar pelo Papa e pelos bispos sucessores dos apóstolos com quem rezou no Cenáculo; rezar pelas famílias, pois sabe bem o que é ser mãe de família e viver em família. A Senhora quer ajudar a Igreja a ser como Ela, pobre e serva, humilde e dedicada aos pobres. A Senhora quer continuar a suplicar a nossa conversão para alcançarmos novo Pentecostes. É assim que a Senhora dada à Oração se torna cada vez mais nossa Mãe e Mestra, nosso modelo.

2.º Fevereiro
A Senhora da Oração
3.º Março
A Senhora da Caridade
4.º Abril
A Senhora Humilde
5.º Maio
A Senhora do Rosário
6.º Junho
A Senhora da Eucaristia
7.º Julho
A Senhora do silêncio
8.º Agosto
A Senhora Rainha
9.º Setembro
A Senhora das Dores
10.º Outubro
A Senhora do Coração Imaculado
11.º Novembro
A Senhora da Vida
12.º Dezembro
A Senhora da pobreza

Um movimento da Igreja ao serviço da paróquia

O Movimento da Mensagem de Fátima é uma associação canónica de fiéis de formação e apostolado e tem a sua sede nacional no Santuário de Fátima.

Nuno Neves

O Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) é uma associação canónica de fiéis de formação e apostolado e tem a sua sede nacional no Santuário de Fátima. No ano de 1984, a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), após um longo trabalho de reflexão e de diálogo, aprovou os novos Estatutos, alterando a sua denominação para “Movimento dos Cruzados de Fátima”. Em 1997, passou a ser designado “Movimento da Mensagem de Fátima” e depende da CEP, que delega a sua superior orientação no bispo de Leiria-Fátima, com o título de Assistente Geral, atualmente, o Cardeal D. António Marto.

O MMF tem o objetivo de difundir e ajudar a viver a Mensagem que o Anjo e a Senhora mais brilhante que o Sol transmitiram a cada um de nós. Com esta finalidade, o MMF assenta a sua dinâmica de ação apostólica a nível paroquial com o intuito de chegar a todas as pessoas e envolver o maior número de fiéis. Como organização e estrutura para coordenar todas as atividades e ações, apresenta-se com um secretariado nacional, secretariados diocesanos e secretariados paroquiais com as respetivas direções cumprindo os estatutos em vigor. Cada

secretariado é acompanhado a nível espiritual por um presbítero ou por um diácono.

Ao longo dos tempos, este Movimento, sob a proteção de Nossa Senhora, teve um papel preponderante no anúncio da mensagem e, para tal, criou campos apostólicos, setores e comunidades de vida como meios concretos para conhecer, viver e divulgar a mensagem.

Os campos apostólicos do movimento surgiram tendo em consideração os apelos da mensagem de Fátima e o que motivava o peregrino a peregrinar à Cova da Iria, ainda mesmo no tempo das aparições. Assim, foram constituídos os seguintes campos: oração, doentes e peregrinações. Mais tarde, e dada a especificidade pedagógico-pastoral de cada grupo etário, constituíram-se os setores: das crianças, dos jovens e dos adultos. Posteriormente, e mais recentemente, surgiram as comunidades de vida para dar resposta aos mensageiros que manifestaram vontade de se comprometerem com a espiritualidade de Fátima, assumindo um compromisso na vida e para a vida, disponibilizando-se a serem candeias de luz para o mundo. Assim, surgiu o grupo dos reparadores e o dos men-

sageiros do Imaculado Coração de Maria.

Estamos a viver tempos difíceis que dificultam o nosso trabalho pastoral, mas como mensageiros não podemos desistir de continuar a missão que nos foi confiada. É necessário recorrer aos meios que temos ao nosso alcance: meios digitais, telefone, correio, reunir presencialmente, quando possível, respeitando as normas sanitárias recomendadas, etc. Para estes tempos, temos de recorrer à nossa criatividade, persistência e determinação, para continuarmos a acompanhar os mensageiros e divulgarmos a mensagem o mais possível. Recordamos as palavras do nosso Assistente Geral, o Cardeal D. António Marto, que numa das suas cartas pastorais nos lança um desafio: “...cuidar do dom das Aparições de Nossa Senhora e da sua mensagem específica, vivendo-o e difundindo-o para o fortalecimento da fé, para a renovação da Igreja e a paz no mundo. Trata-se de um carisma que se vai configurando e aprofundando através do tempo”.

Um mensageiro tem no seu carisma o ânimo de cuidar do dom das aparições e a alegria de divulgar a mensagem a partir da sua comunidade e paróquia.

TESTEMUNHO DO MENSAGEIRO



Um novo ânimo

Maria J. M.

Educada quando pequena numa religião de tradição, vivia na escuridão sem saber que rumo dar à minha vida. Aos 9 anos fiquei muito limitada e aos 17 deixei de poder andar. Senti um desânimo tão grande que me apeteceu acabar coma vida! Nessa altura de tão grande tentação apareceu-me uma senhora que me sugeriu ir a Fátima fazer um retiro. Fui e resolveu-se a minha situação. As dúvidas desfizeram-se e recuperei um novo ânimo que aumentou progressivamente.

Hoje sinto-me feliz, mesmo deficiente. Descobri que era uma filha de Deus, que Ele me amava e me ajudava, mesmo sem dar conta. Descobri a minha pobreza espiritual e verifiquei que estava distante de Deus. A partir desse retiro muito mudou na minha vida. Sei que não sou uma inútil e alguma coisa posso fazer de bem.

Agora rezo mais e melhor e trabalho num grupo de jovens e ofereço o meu sofrimento por aqueles que vivem afastados de Deus.

Vai Começar Agora

Américo Freitas

Recordo-me que quando fiz o meu retiro em Fátima ouvi dizer: “o retiro não acabou, mas vai começar agora”; “não se esqueçam de rezar pela equipa que vos ajudou durante esses dias”.

Foi um tempo que não esqueço. Fomos bem acolhidos, acompanhados e muito ajudados, humana e espiritualmente. A equipa bem merece as nossas orações. Todos os dias a recordo quando rezo.

Não posso esquecer aquela Via-Sacra que fizemos aos Valinhos. Tudo transmitia Mensagem: as reflexões em cada Estação, o silêncio do lugar e o sacrifício que as pessoas faziam ao levar as cadeiras de rodas.

Os Pastorinhos de Fátima foram fiéis até ao fim

Pe. Manuel Antunes

O mensageiro da Mensagem de Fátima é o continuador da missão que Nossa Senhora confiou aos Pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta. Eles falaram pouco, mas testemunharam muito. A sua oração e a sua cruz, aceites e oferecidas pela conversão dos pecados que se cometiam, fizeram das suas vidas candeias acesas, que ainda hoje brilham no mundo indiferente a Deus: o Pastorinho Francisco como consolador de Jesus presente na Eucaristia, a Jacinta numa vida imolada na cruz da doença pela conversão dos afastados de Deus e a Lúcia, a apostola da devoção do Imaculado Coração de Maria. Os três foram fiéis mensageiros da

mensagem de Fátima até ao fim das suas vidas.

Esclarecemos que o Movimento da Mensagem de Fátima oferece aos mensageiros o jornal Voz da Fátima com 12 páginas. A quota de 4,00 € que o mensageiro dá por ano é para ajudar nas despesas do apostolado da mensagem. Oferece, ainda, 930 missas pelos mensageiros vivos e falecidos. Uma destas missas é celebrada diariamente no Santuário de Fátima. Estas missas são uma graça muito grande pelos mensageiros vivos e por aqueles a quem o Senhor já levou para junto d’Ele.

É pena que de vez em quando cheguem ao Secretariado Nacional da Mensagem de Fátima

nomes de pessoas que desistiram. Segundo os Estatutos e Regulamento do Movimento Mensagem de Fátima, o mensageiro que desiste perde estes direitos.

Os mensageiros são uma família. Família que reza unida permanece unida. Procuremos ser mensageiros como os Pastorinhos até ao fim, para que um dia tenhamos a graça de nos encontrarmos com eles e com milhares de mensageiros junto de Nossa Senhora no Céu.

Nota: Leiam o artigo do Presidente Nacional, Enfermeiro Nuno Neves, que esclarece o que é o Movimento da Mensagem de Fátima.



Reitor do Santuário de Fátima lembra que “neste contexto de pandemia somos convidados a prestar especial atenção à fragilidade humana”

Missa da peregrinação mensal de janeiro foi presidida pelo padre Carlos Cabecinhas na Basílica da Santíssima Trindade.

Cátia Filipe

O padre Carlos Cabecinhas, reitor do Santuário de Fátima, presidiu à missa da peregrinação mensal de janeiro, na Basílica da Santíssima Trindade.

Tomando como ponto de partida a liturgia, o sacerdote exortou à “confiança em Deus” e convidou “a vermos a mensagem de Fátima como testemunho dessa bondade de Deus para conosco e como convite a contemplarmos Maria como aquela que devemos imitar”: “Maria é aquela mulher revestida de sol, glorificada no céu, e Nossa Senhora não esquece aqueles que foram confiados ao seu cuidado materno, não nos esquece, a nós que caminhamos na terra”, advertiu o padre Carlos Cabecinhas, explicando que, “mesmo nas dificuldades do momento presente, ela anima a nossa esperança e fortalece a nossa confiança”.

A mensagem de Fátima “é um convite veemente à confiança, porque Deus conhece a nossa



Em janeiro, o dia 13 ainda foi celebrado com a participação de peregrinos.

fragilidade e está atento ao nosso sofrimento e é isso que Nossa Senhora veio aqui assegurar”.

“Num mundo mergulhado nas trevas, num dos momentos mais dramáticos da História, em 1917, Nossa Senhora veio trazer uma mensagem de esperança e um forte apelo à confiança, que não foram apenas válidos para aquele ano, mas continuam plena-

mente válidos, 100 anos depois”, recordou o Reitor, num momento em que “também hoje vivemos tempos difíceis”.

“Começamos um novo ano com grande apreensão e insegurança por causa da pandemia que nos atinge e nos condiciona de forma radical e preparamo-nos para um novo período de confinamento geral”, disse.

O ano 2021 começou marcado “precisamente por esses fortes condicionalismos e a nós, hoje, a Senhora mais brilhante que o sol vem trazer esperança, vem assegurar que não estamos sós, que Deus não se esquece de nós nem nos abandona”.

A mensagem de Nossa Senhora “neste lugar é mensagem de esperança e apelo à confiança,

mesmo no meio das dificuldades como aquelas que agora vivemos”.

Lembrando o tema deste ano pastoral – “Louvai o Senhor que levanta os fracos” –, o sacerdote falou do contexto de pandemia, em que “somos convidados a prestar especial atenção à fragilidade humana, à nossa condição frágil, mas também à fragilidade daqueles que estão ao nosso lado, com um convite a sermos solidários”: “acreditamos, de facto, que Deus não nos deixa passar o sofrimento e as dores que experimentamos em desesperada solidão”, explicou; “acreditamos que Deus conhece a nossa fragilidade, sabe das nossas preocupações e sofrimentos e acompanha-nos em todos os momentos, mas sobretudo nestes mais difíceis e nos dá força para os superar”, considera o padre Carlos Cabecinhas.

Esta celebração teve transmissão em direto nos meios digitais do Santuário de Fátima.



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

O vazio cobre os dias como se de um longo e rigoroso inverno se tratasse, lembrando uma grossa camada de neve que *na-difica* (reduz a nada) a vida tal como a conhecíamos. As ruas, as avenidas, as praças e o recinto de oração do Santuário enchem-se novamente de um silêncio gritante. O prolongamento dramático deste vazio pesa. Pesa duramente aos que combatem na linha da frente, numa constante saída de si até ao esgotamento das próprias forças para preservar a vida de outros, e pesa aos que há muito estão fechados em casa. Também estes são atravessados pela densidade deste inverno.

Ficar muito tempo em casa é

Em casa II

A Irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

O silêncio e a constância dos dias oferecem oportunidade para cuidar desse essencial: a relação, primeiramente, com Deus.

duro! Sente-se o risco do isolamento, o corte com a realidade exterior, o embotamento e a perda dos limites do tempo. Emerge o “para quê” de todas as coisas que fazíamos em modo automático. Contrariamente ao ritmo frenético de antes, à *overdose* de estímulos e de novidades prontas a consumir, o drama da situação pandémica impõe-nos, agora, a monotonia de um longo pousio. Recolhimento obrigatório! Não há “escapadinha turística” para iludir a banalidade lenta dos dias. Sentem-se as plantas a crescer e respira-se ao ritmo com que elas crescem, ouvem-se os minutos a passar, ganha amplitude a mais ligeira reverberação, escuta-se o vento a atravessar na nossa própria solidão, que ecoa como um abismo radical.

Talvez seja a percepção desse abismo que nos atemorize. Talvez porque nos evoca esse princípio virginal, quando a terra era um abismo informe e vazio, habitado pelo espírito de Deus (cf. Gn 1,1-2), desejoso de a fecundar, de lhe dar vida, desejoso de nós; e simultaneamente, porque nos lembra o fim, também esse, essencial, despido de coisas passageiras, em que estaremos na nossa nudez diante do Amor (cf. S. João da Cruz). Talvez nos atemorize porque nos deparamos com “pântanos” não resolvidos, que a velocidade furiosa dos dias passados empurrou continuamente para um depois, que nunca admitimos enfrentar e colocar à luz de Deus. Assim, apesar de árido e dramático, talvez este pousio prolongado nos reserve ainda algo a maturar,

algo de fundamental para uma humanidade qualitativamente melhor: aprender a estar em casa. Só quem “está em casa” pode “ser casa” e construtor de uma casa para todos. É em casa que se começa.

Há dias fui introduzida num novo conceito: “desestrugar”, criado por donas de casa em resultado do seu confinamento. Esta condição revelou-lhes que, afinal, precisamos de muito menos do que pensávamos para viver bem e que até é possível viver melhor com menos coisas. “Desestrugar” equivale, por isso, a simplificar, esvaziar, reordenar em função do essencial; cuidar e reciclar em vez de estragar e desperdiçar. Se isto vale para a gestão doméstica, o que não dizer da vida espiritual? O silêncio e a constância

dos dias oferecem oportunidade para cuidar desse essencial: a relação, primeiramente, com Deus. Só em Deus é que estamos em casa. Valorizar e cuidar do simples, do aparentemente pobre e banal, das nossas relações familiares pode ser ocasião de acolher a Deus que passa e de consolidar nele uma vida qualitativamente melhor e mais sustentável, porque estruturada no amor, a partir do húmus que somos e que Deus escolheu para morar e amar.

Como diz o Papa Francisco: «Passada a crise sanitária, a pior reação seria cair ainda mais num consumismo febril e em novas formas de autoproteção egoísta. [...] Oxalá não seja mais um grave episódio da História, cuja lição não fomos capazes de aprender» (*Fratelli Tutti*, 35).

A terceira aparição e a encíclica *Fratelli Tutti*

A “fraternidade universal” e a “amizade social” como caminho de paz, vistas a partir da terceira aparição.

Carmo Rodeia

“– Vossemecê que me quer?
 – Quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o Terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer [...] Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar. Mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior [...] Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas. Por fim o Meu Imaculado Coração triunfará [...]”.

Este é um excerto das Memórias da Irmã Lúcia de Jesus a relatar a terceira aparição, em julho, aquela que nos evoca a terceira parte do chamado Segredo de Fátima, reportando a intervenção de Nossa Senhora num momento insólito e particularmente difícil para a humanidade e também para a Igreja; um tempo que invocava o “homem novo”, onde Deus não cabia.

Nesta aparição, em especial, Nossa Senhora aponta um caminho alternativo, uma mudança de rumo, assente na conversão e sempre debaixo de uma promessa de esperança e de confiança, que as três crianças – de sete (Jacinta), de nove (Francisco) e de dez (Lúcia) anos – aceitaram prontamente sem reservas, não porque entendessem tudo o que lhes era dito, mas porque tinham o coração disponível para acatar essa ordem celeste e, sobretudo, porque manifestaram essa capacidade de distinguir entre o bem e o mal.

Este apelo à conversão como o único caminho duradouro para a paz haveria de ser entoado novamente pelo Papa São Paulo VI, em 1967, quando trouxe à Cova da Iria, numa peregrinação histórica, as questões da paz e da unidade da Igreja: “Sabeis como a consciência da missão da Igreja no mundo, missão de amor e de serviço, se tornou, no dia de hoje, depois do Concílio, bem vigilante e bem ativa. Sabeis como



O Papa Francisco rezando na Capelinha quando se fez peregrino da Paz e da Esperança em 2017, em Fátima.

o mundo se acha numa fase de grande transformação por causa do seu enorme e maravilhoso progresso na consciência e na conquista das riquezas da terra e do universo. Mas, sabeis também e verificais que o mundo não é feliz nem está tranquilo” dizia, em Fátima, São Paulo VI.

“A primeira causa desta sua inquietação é a dificuldade que encontra em estabelecer a concórdia, em conseguir a paz. Tudo parece impelir o mundo para a fraternidade, para a unidade. No entanto, no seio da humanidade, descobrimos ainda tremendos e contínuos conflitos”, prosseguia o primeiro Papa peregrino de Fátima, alertando para os perigos do poder nuclear e da fome, duas ameaças sérias para toda a humanidade.

“É por este motivo que dizemos estar o mundo em perigo. Por este motivo, viemos Nós aos pés da Rainha da paz a pedir-lhe a paz, dom que só Deus pode dar”, afirmava o sucessor de Pedro, prosseguindo: “A paz é dom de Deus”, mas “nem sempre é dom miraculoso; é dom que opera os seus prodígios no segredo dos corações dos homens; dom que, por isso, tem

necessidade da livre aceitação, depois de se ter dirigido ao céu, dirige-se aos homens de todo o mundo”, para em seguida lançar esse grito que ainda hoje ecoa em Fátima como há cinquenta anos.

“Homens, dizemos neste momento singular, procurai ser dignos do dom divino da paz. Homens, sede homens. Homens, sede bons, sede cordatos, abri-vos à consideração do bem total do mundo. Homens, sede magnânimos. Homens, procurai ver o vosso prestígio e o vosso interesse não como contrários ao prestígio e ao interesse dos outros, mas como solidários com eles. Homens, não penseis em projetos de destruição e de morte, de revolução e de violência; pensai em projetos de conforto comum e de colaboração solidária. Homens, pensai na gravidade e na grandeza desta hora, que pode ser decisiva para a história da geração presente e futura; e recomeçai a aproximar-vos uns dos outros com intenções de construir um mundo novo; sim, um mundo de homens verdadeiros, o qual é impossível de conseguir se não tem o sol de Deus no seu hori-

zonte”.

Hoje, diante de uma tragédia global como a pandemia, que nos fragiliza, e do recrudescimento de conflitos e disputas que nos revelam a incapacidade de agir em conjunto, é o Papa Francisco que nos aponta o caminho de um “novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras”, mas que respeite “a dignidade de cada pessoa humana [...] caminhantes da mesma carne, como filhos desta mesma terra, cada qual com a riqueza da sua fé, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos”.

“Sem uma abertura ao Pai de todos, não pode haver razões sólidas e estáveis para o apelo à fraternidade” refere no n.º 272 da Encíclica *Fratelli Tutti*, na abertura do capítulo VIII, onde fala do poder da religião no serviço à construção de uma verdadeira fraternidade: “A crença em Deus não pode conduzir à violência [...] Sabemos que tornar Deus presente é um bem para as nossas sociedades. Buscar a Deus com coração sincero, desde que não o ofusquemos com os nossos interesses ideológicos ou instrumentais, ajuda a reconhecer-nos como companheiros de estrada, verdadeiramente irmãos”, sublinha. E prossegue: “O culto sincero e humilde a Deus leva não à discriminação, ao ódio e à violência, mas ao respeito pela sacralidade da vida, ao respeito pela dignidade e a liberdade dos outros e a um sólido compromisso em prol do bem-estar de todos”.

Apesar do tempo que os separa, a narrativa de Lúcia, dando a conhecer o apelo do Céu, e os caminhos apresentados por São Paulo VI ou por Francisco cruzam-se no essencial de um acontecimento de que Fátima se faz mensageira: a oração e a conversão, individual e coletiva, constituem os alicerces de uma paz duradoura; aquela que assenta no amor a Deus e ao próximo e que só pode ser tecida nos fios de uma fraternidade universal.

OPINIÃO

O mundo Em Fátima

Pe. José Nuno Silva
A paz e a liberdade religiosa



Entre 5 e 8 de março, se as condições de segurança e sanitárias o consentirem, o Papa Francisco visitará o Iraque. Vale a pena perguntarmo-nos sobre as razões pelas quais o Papa tenciona retomar as suas viagens pastorais fora de Itália, interrompidas desde o início da pandemia, com a visita a este país do Médio Oriente.

Numa entrevista recente, o Secretário de Estado do Vaticano, Cardeal Pietro Parolin, assume que em diversos Estados da região, por causa das perseguições e dos conflitos armados, se verificou uma “hemorragia de cristãos” e o Papa sente “a necessidade de ir e encorajar estes cristãos, convidando-os a continuar a dar o seu testemunho no meio das dificuldades”.

O itinerário da sua visita inclui Ur, o local bíblico do nascimento de Abraão, no sul do país. Ir a este lugar manifesta o outro grande designio da viagem: fazer progredir o diálogo inter-religioso, condição indispensável para a paz, nesta região do globo onde se encontram e tantas vezes se confrontam e confrontam ainda as três famílias de crenças nascidas da fé de Abraão: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islão.

Depois de, em 2019, ter conseguido a aproximação ao Islão Sunita com a Declaração de Abu Dhabi sobre a Fraternidade Humana, que ecoa na Encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa quer agora aproximar-se do Islão Xiita, dominante no Iraque. O presidente do país já afirmou que a viagem “será uma mensagem de paz para os iraquianos de todas as religiões e servirá para afirmar os nossos valores comuns de justiça e dignidade”.

Dada a finalidade deste espaço da Voz da Fátima, sabendo, há que, rezando, acompanhar o Papa.

O Pe. José Nuno Silva é capelão do Santuário de Fátima

Peregrinos anseiam pelo regresso à Cova da Iria

Uma das imagens mais emblemáticas da Cova da Iria são as multidões de peregrinos que, sobretudo de maio a outubro, ali congregam para uma moldura humana que é mundialmente reconhecível. As limitações de mobilidade que o mundo e o país conheceram, devido à pandemia da Covid19, impossibilitaram a habitual presença de muitos dos que, ano após ano, acorrem ao Santuário de Fátima para rezar à Senhora do Rosário. Por estes dias, as contas são feitas na esperança de dias melhores, que possibilitem um regresso rápido e pleno à Cova da Iria.

Diogo Carvalho Alves e Cátia Filipe

Durante o primeiro confinamento de março de 2020, o Santuário de Fátima levou, através dos seus meios digitais, a Cova da Iria aos milhares de peregrinos que se viram impossibilitados de vir à Cova da Iria devido às limitações de mobilidade então impostas. Para os que peregrinam com regularidade aos pés da Virgem do Rosário esta proximidade possível apenas atenuou o desejo de poder voltar a estar presente em Fátima.

Depois de uma peregrinação de maio despida de peregrinos e de um verão que possibilitou um regresso tímido de alguns peregrinos, seguiu-se uma peregrinação aniversária de outubro com um Recinto de Oração limitado na sua lotação e, depois, um final de outono e inverno que trouxe um aumento da propagação do novo vírus e consequente confinamento.

“Uma devoção muito grande”

A viverem um novo confinamento, a esperança dos que habitualmente peregrinam a Fátima reside, por agora, no cumprimento das limitações de mobilidade

que permita, num futuro próximo, uma peregrinação plena a Fátima. É nesta expectativa que Isaura Ferreira se refugia.

“Em 2021, gostaria de voltar a Fátima, mais que não fosse no verão, para dar graças por estar bem de saúde. Em maio, acho que ainda será cedo para ir a pé, mas talvez já seja possível em outubro”, prevê esta peregrina de 72 anos de São Pedro do Sul, Viseu, que vai habitualmente à Cova da Iria três vezes por ano.

Em 2020, Isaura não pôde pisar o Recinto uma única vez, mas acompanhou as celebrações de Fátima através da página do Facebook do Santuário. Apesar de ajudar, “não é a mesma coisa”, diz.

“Ver o Santuário vazio na peregrinação de maio comoveu-me. Apesar de, naquele momento, estarmos ligados em oração, comecei a imaginar quantas pessoas gostariam de ali estar, incluindo eu, e a pensar nas pessoas que estariam em situação de dificuldade no mundo, por tudo o que estava a acontecer”, conta, ao expressar o que sente quando vem

à Cova da Iria.

“Ir a Fátima é ter um bocadinho de Céu: pela oração, pelo silêncio e pela paz que ali encontro. Quando posso ir, rezo pela família e amigos e por todos os que sabem que lá vou e me pedem alguma intenção... Levo todas as intenções e deixo-as ali, junto a Nossa Senhora. É uma devoção muito grande!”

Um dos primeiros lugares a ir

Foi também pelos meios de comunicação que o casal Glória e António Santos, que anualmente cumprem a sua peregrinação em maio e outubro, acompanharam as celebrações da primeira grande peregrinação de 2020.

“Na impossibilidade de não irmos, acompanhámos as celebrações pela televisão e acendemos a nossa vela. Foi um momento muito comovido, além da emoção de não estarmos lá”, conta o casal à Voz da Fátima.

Desde que António foi operado à coluna, há 14 anos, o ano passa-

do foi o único que não foram em peregrinação a Fátima. Apesar de disporem de uma autocaravana, que lhes dá “bastante independência”, optaram por não ir por uma questão de responsabilidade.

“Os tempos são difíceis e há que ter responsabilidade. Enquanto católicos, devemos dar o exemplo. Claro que ficámos com pena de não cumprir a nossa peregrinação, mas Nossa Senhora acolhe-nos sempre e sabe o que nos vai no coração... A fé não se perde, quanto muito, fica mais intensa”, asseguram, ao perspectivarem o regresso consoante a evolução da situação pandémica.

“Este ano, ainda não definimos se vamos a pé ou não. Vai ser conforme a situação da pandemia, mas um dos primeiros lugares onde queremos ir será a Fátima, seguramente. Se para ficar ou ir e vir no próprio dia, logo se verá.”

Enquanto o regresso não acontece, reza-se

As peregrinações a Fátima ainda não constam na agenda das paróquias de Fernão Ferro e Pínhala de Frades, da diocese de Setúbal, revela o pároco, padre Rui Simão, que, apesar da incerteza sobre o futuro próximo, constata a vontade da comunidade que lhe está confiada em regressar logo que possível à Cova da Iria.

“Este ano ainda não será o ano das grandes peregrinações, mas continuamos a rezar para que possam voltar a acontecer até ao

final deste 2021”, diz o sacerdote, ao lembrar a dificuldade que foi o de decidir não cumprir este ato de fé, tão presente naquelas comunidades.

“Em 2020, não foi fácil gerir o querer e o poder. Na paróquia de Fernão Ferro, há um grupo de peregrinos que celebrou, em 2020, 20 anos de existência. Foi de forma natural que começou a sua preparação, como todos os anos, em janeiro, na vontade de querer celebrar esta data marcante com uma peregrinação a pé, em Maio, ao Santuário de Fátima, mas que, dadas as circunstâncias, teve de ser cancelada. Houve momentos de esperança, em que o querer falava mais alto, mas, no fim, venceu o poder, ou neste caso, o não-poder”, conta o pároco, ao assegurar a ligação próxima à Cova de Iria, que, nos tempos que correm, é saciada na esperança de um regresso e, enquanto este não acontece, através das redes de comunicação.

“Esta realidade também permitiu introduzir novos hábitos, como a possibilidade de estar, com mais frequência, em comunhão com o Santuário de Fátima, na oração do Terço. Na vida de tantos crentes, a oração do Terço vive-se de uma forma especial a partir de Fátima, tal como Nossa Senhora pediu aos Pastorinhos: ‘rezem o terço todos os dias’. Esta súplica de Maria é transversal a todas as aparições, de Maio a Outubro, e, como padre, não posso deixar de aprofundar este apelo à oração”.

AGENDA

fevereiro

13 sáb	ANIVERSÁRIO DO FALECIMENTO DA IRMÃ LÚCIA
17 qua	INÍCIO DA QUARESMA
20 sáb	SANTOS FRANCISCO E JACINTA MARTO Festa ANIVERSÁRIO DO FALECIMENTO DE SANTA JACINTA MARTO

março

5 sex	ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE SANTA JACINTA MARTO
----------	--

